**A AVENTURA DA EDUCAÇÃO PARA O LAZER NO PROJETO ESCOLA DE AVENTURAS***[[1]](#footnote-1)*

CORRÊA, Liciane Vanessa de Oliveira Mello

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

liciane.vomc@gmail.com

FERNANDES, Fernanda Herran

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

fernanda\_herran@hotmail.com

SARDINHA, Elivelton Gomes

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

eliveltongs7@gmail.com

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

ggapimentel@uem.br

**Eixo temático:** Lazer, educação e cidadania.

**Classificação:** Pesquisa científica.

**Resumo:** Problematizamos a educação para o lazer a partir do projeto de extensão Escola de Aventuras. Qual o grau de efetividade desse projeto nos hábitos de lazer de crianças? Para responde a esse questionamento, buscamos identificar a percepção de egressos do projeto em relação `a motivação, conhecimento e a autonomia para praticar atividades de aventura no tempo livre. Foram aplicados questionários junto a 67 anos, com idade entre 09 e 13 anos. Constatamos baixa incidência na prática de atividades de aventura para o lazer, pelos escolares participantes. No entanto, os primeiros resultados sugerem avanços na autonomia das crianças, bem como o interesse por novas experiências nos âmbitos esportivos, culturais e de lazer.

**Palavras-chave:** Atividades de lazer. Ensino. Autonomia Pessoal.

**Introdução/Conceituação**

A Escola de Aventuras é um projeto de extensão desenvolvido pelo Grupo de Estudos do Lazer (GEL) desde 2008 e formalizado no Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá (CAP/UEM) em 2014. Conta com bolsistas PIBIC-EM, PIBIC e alunos da graduação e pós-graduação, ofertando experiências de aventura para o Ensino Fundamental – anos iniciais do CAP/UEM. São desenvolvidos conteúdos físico-esportivos na perspectiva da educação para e pelo lazer, com ensino das seguintes modalidades de aventura: skate, parkour, orientação, slackline, escalada (PIMENTEL et al, 2017).

O projeto possui lugar na grade curricular do colégio, enquanto tema gerador, articulando-se com outras disciplinas regulares. Dessa forma, além dos conhecimentos específicos, as aulas de aventuras devem integrar os conhecimentos trabalhados nas demais aulas da grade curricular, de forma que os conteúdos formais e universais sejam aplicados na experiência particular dos alunos junto ao conteúdo de aventura (PPP/Escola de Aventura, 2016).

O projeto tem por princípio o entendimento de que estas atividades não podem ser vistas apenas como meio de entreter o aluno. A proposta é que este ensino seja capaz de melhorar os mais diversos aspectos atrelados ao desenvolvimento humano. Assim, o desenvolvimento de atividades de aventura na escola precisa apresentar uma didática e uma prática pedagógica que articulem a parte teórica e prática, entendendo que a ação educativa não se restringe a uma “prática pela prática”, mas sim que a vivência dela oferece conhecimentos esportivos, culturais e sociais (PPP/Escola de Aventura, 2016).

Neste sentido, na concepção da Proposta Político Pedagógica da Escola de Aventuras, as escolas devem promover propostas que visam fortalecer os conhecimentos de lazer, esporte e meio ambiente dos educandos, por meio das modalidades trabalhadas que apresentam uma diversidade de informações, especialmente conceituais, morais, táteis e cinestésicas, proporcionando aos seus praticantes diferentes adaptações motoras. Além de apresentarem possibilidades educativas no sentido de proporcionar situações educativas não habituais, favorecendo, assim, a motivação, diferentes emoções e sensações, significados e intencionalidades vivenciadas durante as práticas de atividades de aventura (SILVA; MARINHO; SCHWARTZ, 2005).

**Objetivos e/ou problema de pesquisa**

A realização da Escola de Aventuras obteve inovações tecnológicas no tocante a materiais e estratégias de ensino no decorrer dos anos, contudo, havia uma lacuna na avaliação do projeto: como o mesmo era percebido externamente pelas crianças/adolescentes egressos do projeto, qual o sentido atribuído por elas? Nessa perspectiva, o objetivo desse estudo foi avaliar a percepção de egressos do projeto em relação ao conhecimento sobre atividades de aventura, a autonomia para a prática e os interesses no lazer.

**Metodologia**

Este é um estudo quantitativo de natureza descritiva, no qual adotamos uma abordagem relacional e interpretativa do objeto proposto.A coleta de dados foi realizada nas turmas do Ensino Fundamental II (5ºA, 6ºA, 6ºB e 6ºC), com os alunos egressos da Escola de Aventura, por meio de aplicação de questionário anteriormente validado. A amostra constitui-se por 67 alunos, meninos e meninas, com idade entre de 09 a 13 anos.

A análise dos dados compreendeu medidas de tratamento estatístico, sendo inicialmente utilizado o teste de Kolmogorov-Smirnov para analisar a distribuição dos dados. Como os dados não apresentaram normalidade foi utilizado o teste Qui-quadrado. As análises estatísticas foram realizadas considerando o nível de significância de 95,0% (p<0,05).

**Apresentação sintética do referencial teórico utilizado para a análise dos dados**

Os dados, analisados estatisticamente, foram interpretados e discutidos com base em referencial teórico voltado ao lazer e às atividades de aventura. Desde os estudos pioneiros no campo do lazer (BRUHNS, 1997; COSTA, 2000) sobre o significado dessas novas práticas havia, também, uma afirmação do seu potencial educativo, particularmente em relação ao ambiente natural. Recentemente, essa insinuação passou para a efetividade, com propostas de ensino de modalidades urbanas (escalada esportiva, patins *in line*, parkour, skate, slackline) na Educação Física curricular (PEREIRA e ARMBRUST, 2010; FRANCO, CAVASINI e DARIDO, 2014; SANTOS e MARINHO, 2014; TAHARA e DARIDO, 2016; PAIXÃO, 2018; PEREIRA, 2019).

Reconhecemos, portanto, durante todo esse estudo, as atividades de aventura como possibilidades – turísticas, esportivas e educacionais – de lazer, sem excluir sua crescente participação no espetáculo do alto rendimento competitivo (PAIXÃO, 2017). Para além disso, em tom crítico, pensamos a Escola de Aventuras considerando também uma possível influência das vertentes funcionalistas do lazer (MARCELLINO, 1987), bem como, as diferenças existentes entre gêneros (THOMASSIM, 2010).

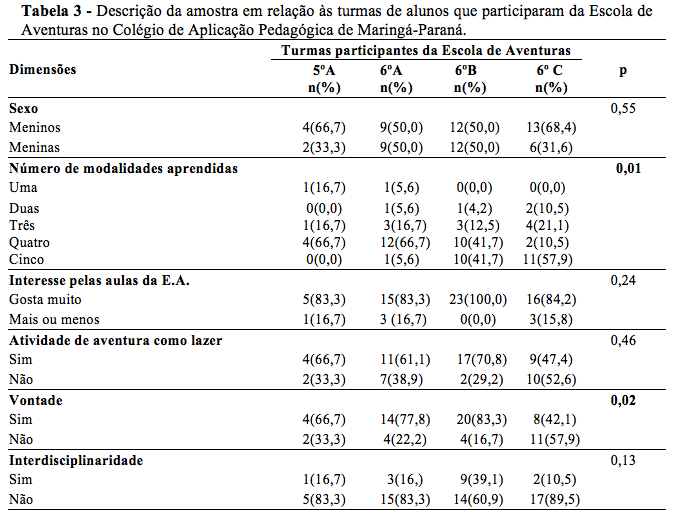
**Apresentação dos principais resultados**

Com base nas análises realizadas, os resultados (Tabela) apontam para o interesse dos alunos nas aulas oferecidas pela Escola de Aventuras, visto que 89,4% afirmam gostar muito das atividades desenvolvidas. Na análise comparativa das turmas investigadas, com relação às dimensões elencadas, se destaca possível contradição na turma do 6º ano “C”, se comparada às outras três turmas. Os resultados mostram que nesta turma 52,6% dos alunos afirmam não praticar nenhuma atividade de aventura como lazer e 57,9% declararam não ter interesse de praticá-las em seus momentos de lazer. Considerando, entretanto, que 84,2% afirmam gostar das atividades oferecidas pela Escola de Aventuras, não há motivos evidentes que possam explicar esta constatação.

Uma suposição, para futuros estudos, seria que, como nessa turma houve mais participação no projeto, a maioria entendeu que não se identifica com essas modalidades, embora tenha boa avaliação das aulas. Esse é um aspecto importante na consideração do ensino de práticas corporais visando o lazer, pois faz parte da autonomia que as crianças aprendam, gostem e saibam praticar mas, ainda assim, entendam que preferem outros esportes ou mesmo outros conteúdos do lazer. Nesse sentido, não basta avaliar um programa de educação para o lazer apenas pelo percentual de praticantes recreativos.

Os resultados apontam que a maioria dos estudantes lembra, em média, de quatro das cinco modalidades de aventura ensinadas na Escola de Aventuras. As mais citadas pelos alunos foram skate, slackline, parkour. A orientação, quinta modalidade, foi melhor destacada pela turma do 6ºC, pois 57,9% da turma lembram ter desenvolvido as cinco modalidades durante as aulas do projeto.

Não é difícil pensar que o motivo para estas se destacarem se encontra no fato de que são modalidades mais conhecidas no cotidiano da criança, comuns em novelas, filmes, programas de televisão. Geralmente, para eles, são as que lhes despertam maior interesse, maior desafio e prazer em praticá-las.

**Tabela** – Descrição da amostra em relação às turmas de alunos que participaram da Escola de Aventuras no Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá (p<0,05).

Apesar de não ter apresentado associação significativa, identificamos que em relação à dimensão Interdisciplinaridade, 22,7% dos alunos que fizeram parte da Escola de Aventuras se recordam que fizeram atividades que o possibilitasse aprender melhor sobre alguma disciplina escolar regular. Todavia, no período de participação dessas crianças no projeto, a abordagem interdisciplinar, com tema gerador, não era enfatizada. Portanto, esse resultado é coerente.

Ressaltamos que, ainda que não houvesse a prática de atividades de aventura como lazer, ocorreu o aumento de autoestima, motivação e interesse de aprendizagem por outros elementos da cultura para o lazer. Esta constatação contraria os objetivos iniciais do projeto, mas mobiliza nossa reflexão ao encontro do deslocamento proposto por Thomassim (2010) de *para que ele serve* para *o que ele significa*.

Dessa forma, há uma superação no sentido utilitarista (MARCELLINO, 1987) das práticas esportivas –funcionalista, de inclusão social, profissionalizante ou de alto rendimento – de forma que crianças e adolescentes que realizam ou desejam realizar atividades em seu tempo fora do horário escolar, buscam atividades que tragam sentido às práticas que experimentam. identificou em seu estudo (THOMASSIM, 2010).

**Conclusão/Considerações Finais**

A maioria dos alunos, entre os que participaram da Escola de Aventuras em anos anteriores, utiliza os conhecimentos aprendidos sobre atividades de aventura em seus momentos de lazer. Muitos dos que não fazem proveito desta prática corporal, tem vontade de praticar uma atividade de aventura. Há ainda os que têm interesse de praticar outras modalidades não ensinadas.

Destacamos, ainda, que a maioria dos alunos lembra-se de quatro ou mais modalidades de aventura ensinadas na Escola de Aventuras. Porém, quanto à dimensão Interdisciplinaridade ainda são poucos alunos que conseguem associar o conteúdo das práticas corporais de aventura com os conteúdos do currículo regular trabalhados. Portanto, esse é um aspecto a ser melhor desenvolvido sem que o lazer seja justificado por uma função utilitarista.

Enfim, o trabalho desenvolvido pela Escola de Aventuras demonstra que é possível e viável ensinar para o lazer, sem desconsiderar as diversas limitações que possam existir no tocante a espaço, material ou organização curricular e pedagógica. Sobretudo, é possível e necessário ensinar atividades de aventura nos espaços educacionais formais, elaborando conhecimento junto aos alunos, incentivando o usufruto desse conhecimento com segurança e autonomia em novas práticas corporais.

**Referências**

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 18, n.2, p. 86-92, 1997.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco calculado na montanha:** um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole, 2000.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ; F. J.; DARIDO; S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas Corporais e a organização do conhecimento.** Maringá: Eduem, v. 4, p. 101-135, 2014.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

PAIXÃO, J. A. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência,** v. 29, p. 170-182, 2017.

PAIXÃO, J. A. **O esporte de aventura no currículo da Educação Física** **Escolar:** possibilidades de intervenção. Viçosa: UFV. 2018.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura.** Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

PEREIRA, D. W. (Org.). **Pedagogia da aventura na escola:** proposições para a base nacional comum curricular. Várzea Paulista: Fontoura. 2019.

[PIMENTEL, G. G. A.](http://lattes.cnpq.br/5074388036246808); RETAMAL, F. C.; FERNANDES, A. V.; NODA, L. M; SILVA, L. M.; SANTOS, S. Atividades alternativas na educação física escolar. **Revista Educação Física UNIFAFIBE**, v. 5, p. 176-196, 2017.

PPP/PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO - **Escola de aventura em âmbito escolar como tema gerador**. Universidade Estadual de Maringá, Grupo de Estudos do Lazer (GEL). Maringá, 2016.

SILVA, R. L.; MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. A aventura de ser mulher nas atividades físicas de aventura na natureza. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 20, n.2, p. 123-151, 2005.

SANTOS, P. M.; MARINHO, A. Slackline e educação física: experiências do projeto de extensão “lazer e recreação”. **Licere**, v. 17, p. 306-328, 2014.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escolar. **Conexões,** v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016.

THOMASSIM, L. E. C. **O “Público-Alvo” nos Bastidores da Política:** um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participaram de projetos sociais esportivos.Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010.

1. Apoio: CNPq, CAPES, Fundação Araucária e Rede CEDES. [↑](#footnote-ref-1)